

DESEJANDO A EUROPA, COM SAUDADES DA RÚSSIA: A POLÍTICA EXTERNA DA UCRÂNIA

Taras Kuzio

Desde 1991, tem havido um abismo entre a declarada política externa ucraniana de integração europeia e as políticas nacionais. Os presidentes ucranianos não entenderam a necessidade estratégica de integrar as políticas internas aos desejados objetivos de política externa e implementaram políticas antidemocráticas encontradas frequentemente na Eurásia pós soviética. As plataformas dos partidos políticos ucranianos e a retórica eleitoreira sobre política internacional são populistas e vagas, especialmente quando se trata de lidar com perguntas difíceis como a entrada na OTAN enquanto os programas para eleições parlamentares e presidenciais em grande parte ignoram questões de política internacional.¹

Os presidentes Leonid Kuchma e Viktor Yanukovych buscaram equilibrar políticas externas entre a Rússia e o Ocidente por meio de políticas externas que seguiam vetores múltiplos e essa talvez seja a melhor opção para um país dividido regionalmente. Os estrategistas políticos ocidentais declararam que a integração da Ucrânia à Europa e a preservação de boas relações com a Rússia não seriam políticas incompatíveis; essa afirmação, porém, ignora a abordagem de jogo de soma zero da Rússia no que diz respeito às relações internacionais e à oposição do país à entrada da Ucrânia na OTAN e na UE.²

- 1 'Ukraine: Low Profile for Security Issues in the Election Campaign,' Embaixada dos EUA em Kiev, 29 Janeiro 2010. <http://wikileaks.org/cable/2010/01/10KYIV168.html>
- 2 Ver T.Kuzio, 'Russian Policies towards Ucrânia are illogically Consistent,' *Atlantic Council of the US, New Atlanticist Policy and Analysis Blog*, 27 September 2013. <http://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/russian-policies-towards-Ucrânia-are-illogically-consistent>

A Ucrânia de Kuchma estava orientada, em termos políticos e estratégicos, para o Ocidente, enquanto a orientação pró-Rússia tinha uma natureza mais econômica e cultural.³ Sob o comando de Yanukovych, um sistema político mais autoritário operava lado a lado com políticas externas multi-vetoriais que estavam mais inclinadas para a Rússia do que para o Ocidente.⁴ Durante os mandatos dos três primeiros presidentes ucranianos (Leonid Kravchuk, Viktor Yushchenko e Kuchma), uma proporção significativa das elites ucranianas continuou alimentando sua desconfiança em relação às intenções russas quanto à Ucrânia. Em função dessa percepção, a Ucrânia considerava a OTAN e os EUA em particular como o garantidor de sua independência e integridade territorial. Ao mesmo tempo, com amplas conexões históricas e culturais, além dos laços de família com a Rússia, a Ucrânia preferia lidar, em questões econômicas, com o CEI (Comunidade dos Estados Independentes) porque isso permitia lucros rápidos e opacos para oligarcas usando práticas financeiras, econômicas e comerciais não transparentes, que são uma norma na Eurásia. Através desse aspecto multi-vetorial, as elites ucranianas conseguiam colher os benefícios dos laços estratégicos e políticos com o Ocidente enquanto mantinham conexões culturais e econômicas com o lado oriental da fronteira.

Os primeiros três presidentes da Ucrânia restringiram a presença do país na CEI à de um mero participante (em vez de membro ativo) e relacionada principalmente com questões econômicas, preferindo laços bilaterais aos laços multilaterais. A Ucrânia se recusou a ratificar a Carta da CEI, já que isso significaria se unir às instituições supranacionais dessa Comunidade de Estados Independentes. Kuchma se manteve contrário à entrada da Ucrânia no Espaço Econômico Único da CEI (precursor da União Aduaneira da CEI) e no Tratado de Segurança Coletiva da CEI. Todos os presidentes ucranianos se sentiram frustrados pela resistência da Rússia de apoiar uma área de comércio livre na CEI a menos que a Ucrânia concordasse em se tornar um membro ativo dos projetos de integração da CEI. O nacionalista presidente Yushchenko, mais pró-Ocidente que os demais, era o menos indiferente à cooperação e integração da CEI.

3 Ver Rosaria Puglisi, 'Clashing Agenda's? Economic Interests, Elite Coalitions and Prospects for Co-operation between Russia and Ukraine,' *Europe-Asia Studies*, vol.55, no.6 (September 2003), pp. 827-845.

4 'A Yanukovych Foreign Policy,' Embaixada dos EUA em Kiev, 25 Novembro 2009, <http://wikileaks.org/cable/2009/11/09KYIV2054.html#>

Relações Ucrânia-OTAN: Ação e Desinteresse

A relação da Ucrânia com a OTAN era mais complacente do que com a União Europeia e a partir de janeiro de 1994, a Ucrânia se tornou um líder e um ativo participante do programa PFP (Parceria para a Paz) da OTAN. Além disso, aumentou os laços bilaterais com o Reino Unido e os EUA em relação à segurança. Tentando não prejudicar as relações com a Rússia, a Ucrânia a princípio não buscou a integração à OTAN durante os anos 1990, assinando em 1997 só uma Carta sobre Parceria Especial e adotando um programa de três anos de governo de programa de cooperação um ano mais tarde que se estenderia até 2004. A Ucrânia, ao contrário da Rússia, apoiava a criação da OTAN.

A Ucrânia formulou o objetivo de tornar-se membro da OTAN pela primeira vez em maio de 2002. Um ano depois, em uma nova lei sobre segurança nacional, propôs o objetivo duplo de virar membro da OTAN e da UE. Através da cooperação com a PFP (Partnership for Peace), as Forças Armadas da Ucrânia foram reformadas e tiveram seu tamanho reduzido de 800.000 a 150.000. Além disso, 30.000 forças ucranianas participaram de operações de manutenção de paz sob o comando da ONU e da OTAN. A Ucrânia é o único país a ter participado de todas as operações de paz comandadas pela OTAN e tem contribuído para a segurança europeia e tem participado de todas as operações da OTAN, incluindo Afeganistão. As unidades ucranianas participaram de todas as operações da OTAN e da ONU na Croácia (UNPROFOR e UNTAES), Bósnia-Herzegovina, Kosovo (KFor), Sérvia, Batalhão Polonês-ucraniano (UKRPOLBAT), Afeganistão, Libéria, Líbano, Serra Leoa, Etiópia e Eritreia, República Democrática do Congo e Geórgia. A Ucrânia é o décimo maior contribuinte com pessoal e o terceiro maior fornecedor de transporte aéreo estratégico para operações das Nações Unidas.

A Ucrânia vem realizando Planos de Ação com a OTAN anualmente desde 2003; planos cujo escopo não difere radicalmente dos MAPs (Membership Action Plan – Plano de Ação dos Membros). Em fevereiro e abril de 2005, Yushchenko se reuniu com o presidente dos EUA, George W. Bush, nas sedes da OTAN em Bruxelas e Washington respectivamente. Após as duas reuniões, as relações da Ucrânia com a OTAN subiram um degrau em maio de 2005 e se tornaram um Diálogo Intensificado sobre a integração, o estágio anterior a

ser convidado para o processo MAP. As divisões entre as forças democráticas laranja impediram que a Ucrânia recebesse um MAP na Cúpula da OTAN em Riga, em novembro de 2006. Em janeiro de 2008, o presidente Yushchenko, a primeira-ministra Yulia Tymoshenko e o presidente do Parlamento Arseniy Yatsenyuk assinaram uma carta conjunta solicitando que OTAN oferecesse um MAP para a Ucrânia na cúpula da OTAN em Bucareste. Quanto à Yulia Tymoshenko, a Embaixada dos EUA em Kiev ficou impressionada com sua habilidade de defender o caso da solicitação da Ucrânia de pedir um MAP à OTAN.⁵

Em 2008, havia um cansaço generalizado em relação à Ucrânia na Europa Ocidental e a Alemanha liderou a oposição à ampliação da OTAN e da UE. A secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, relatou: ‘O presidente ucraniano quase chorou. Será um desastre, uma tragédia se não conseguirmos o MAP.’⁶ Um acordo entre aqueles favoráveis a outorgar um MAP para a Ucrânia a MAP (grupo que incluía os europeus do leste, os EUA e os britânicos) e aqueles que se opunham (alemães, franceses, belgas, italianos e outros) levaram a OTAN a publicar uma declaração afirmando que a Ucrânia e a Geórgia se tornariam membros futuramente, sem mencionar um MAP ou a data de acesso. A oferta de Bucareste ‘foi o equivalente diplomático a propor casamento sem definir a data da cerimônia.’⁷ O novo presidente da Ucrânia, eleito no verão de 2014 poderia usar a resolução de 2008 para reabrir a questão da integração da Ucrânia à OTAN.

Durante os quatro anos da presidência de Yanukovych, a cooperação da Ucrânia com a OTAN declinou depois que o presidente alterou a política externa do país, em julho de 2010, para uma posição de “não-bloco” que não mais apoiava a entrada para a OTAN. Outro fator determinante foi a deterioração das relações entre a Ucrânia e os EUA após a prisão de Tymoshenko em outubro de 2011. O Centro Ucraniano Razumkov de Estudos Políticos e Econômicos, um *think tank* de Kieve, em um número especial da sua publicação, *National Security and Defence*, dedicado à OTAN e à Ucrânia, escreveu:

5 ‘Ukraine: PM Tymoshenko Makes the Pitch For Map At Bucharest,’ US Embaixada dos EUA em Kiev, 7 Fevereiro 2008, <http://wikileaks.org/cable/2008/02/08KYIV303.html#>

6 Condoleezza Rice, *No Higher Honor. A Memoir of My Years in Washington* (New York: Crown Publishers 2011), p. 670-672.

7 *New York Times*, 12 Novembro 2008.

- ‘ Como o Partido das Regiões, agora partido governante, tradicionalmente sempre demonstrou uma posição abertamente anti-OTAN, e após a última mudança brusca da direção da política externa ucraniana, as declarações sobre a necessidade de continuar uma parceria construtiva com a OTAN, proclamadas nos escalões mais altos, nem sempre recebem o apoio adequado no poder executivo. Em função dessas circunstâncias e de diversas outras razões relacionadas com os processos políticos internos do país, os parceiros ocidentais acham difícil acreditar na sinceridade das forças políticas dominantes quando falam sobre “continuar uma parceria construtiva com a OTAN” e acham consideram complicado avaliar a importância real de dita parceria para as autoridades ucranianas. No entanto, seria um erro ver tudo isso como resultado somente da política implementada nos últimos dois anos – reformas internas inconsistentes e uma política externa multi-vetorial têm existido ao longo de toda a história moderna da Ucrânia.’⁸

O PCA (Acordo de Parceria e Cooperação) assinado com a União Europeia em maio de 1994 não entraram em vigor até março de 1998, quando os membros ratificaram o pacto, algo que já é sinal da baixa prioridade estratégica atribuída à Ucrânia. O presidente Kuchma introduziu programas extensos de fomento à integração com a EU em junho de 1998 e em julho de 2000, mas estes não influenciaram o ritmo das reformas domésticas da Ucrânia e também não moveram o país das encruzilhadas. Após a acessão da Hungria, Polônia e Eslováquia à EU em 2004 e da Romênia em 2007, a fronteira ocidental da Ucrânia se tornou a nova fronteira oriental da ‘Europa.’

Um avanço significativo só surgiria em 2009, quando a União Europeia lançou uma Parceria Oriental. Essa Parceria Oriental, promovida pela Polônia e Suécia, reuniu seis antigas repúblicas soviéticas, das quais a Ucrânia era a mais importante, com diferença, em termos geopolíticos. A Parceria Oriental e seus dois principais produtos, o político Acordo de Associação e o Deep Comprehensive Free Trade Agreement (DCFTA – Acordo de Livre Comércio Amplo), ofereceu integração sem que se tornassem membros continuar uma parceria construtiva com a OTAN (uma espécie de ampliação “light” da EU).

8 *National Security and Defence*, nos. 2-3, 2012. <http://www.razumkov.org.ua/eng/journal.php?y=2012&cat=175>

Negociações para um Acordo de Associação começaram em 2007, enquanto que os trâmites para um DCFTA só se iniciaram depois que a Ucrânia entrou para a OMS em 2008. Em março de 2012, após quatro anos de negociações, o Acordo de Associação foi iniciado, mas a assinatura do Conselho Europeu e a ratificação do Parlamento Europeu e dos parlamentos dos membros ficaram congeladas. O comissário europeu para a Ampliação, Štefan Füle afirmou: ‘Hoje, durante as eleições, há representantes da oposição presos como consequência de um uso seletivo da justiça, então obviamente já era de se esperar que esse fato tivesse consequências diretas sobre o modo como essas eleições serão vistas.’⁹ Karl Bildt, William Hague, Karel Schwarzenberg, Sikorski e Guido Westerwelle, ministros de Relações Exteriores de Suécia, Grã-Bretanha, República Checa, Polônia e Alemanha, respectivamente, assinaram uma declaração em *The New York Times* em que arremetiam contra a regressão democrática na Ucrânia: ‘Hoje, no entanto, estamos em um impasse no processo de associação. Ainda que as negociações tenham sido concluídas com sucesso em dezembro de 2011, o avanço delas – por meio de assinaturas e ratificação do acordo –foi efetivamente bloqueado pelas ações da Ucrânia.’¹⁰ E os cinco ministros de Exteriores declararam ainda: ‘A razão para isso é simples: o desenvolvimento dos acontecimentos na Ucrânia nos últimos dois anos nos levaram a questionar as intenções de Kiev com respeito aos valores fundamentais que escora tanto o acordo em si quanto as nossas relações, em um sentido mais amplo.’¹¹

A Ucrânia e a União Europeia EU realizaram sua reunião de cúpula semestral no dia 25 de fevereiro de 2013; exatos três anos depois de Yanukovych assumir o cargo. Dois meses antes, o Conselho Europeu havia estabelecido marcadores que Kiev precisava seguir para descongelar o Acordo de Associação. As três reformas essenciais nos marcadores da UE para a Ucrânia tratavam de cancelamento do uso seletivo da justiça (por exemplo, o caso de prisioneiros políticos como Tymoshenko), melhoria da legislação eleitoral e reformas judiciais. A EU estabeleceu o prazo de maio de 2013 para mostrar algum progresso no cumprimento dos marcadores com progresso mais substancial em novembro, quando a UE organizou uma cúpula da Parceria Oriental em

9 <http://www.pravda.com.ua/news/2012/03/15/6960684/>

10 Carl Bildt, William Hague, Karel Schwarzenberg, Radek Sikorski e Guido Westerwelle, ‘Ucrânia’s Slide,’ *The New York Times*, 4 Março 2012. http://www.nytimes.com/2012/03/05/opinion/05iht-edbildt05.html?_r=1&ref=opinion

11 Ibid.

Vilnius. A União Europeia ofereceu um estímulo de 610 milhões de Euros em assistência, que estava condicionado ao fato de a Ucrânia levar a cabo um acordo com o FMI.

Havia seis fatores por trás do fracasso da missão Cox-Kwasniewski da UE que visitara a Ucrânia 27 vezes para buscar um acordo em relação à questão Tymoshenko. Em primeiro lugar, Yanukovich não estava comprometido ideologicamente com a integração europeia do mesmo modo que os líderes do Leste Europeu e do Báltico, que desejavam escapar do seu passado comunista e da hegemonia russa. A prioridade de Yanukovich era como a integração iria beneficiar ou prejudicar seus interesses pessoais. Em segundo lugar, Yanukovich, como outros líderes e especialistas ucranianos, acreditava exageradamente na importância geo-estratégica da Ucrânia para o Ocidente, e portanto acreditava que a União Europeia estava blefando e assinaria o Acordo de Associação independentemente de Tymoshenko continuar ou não na prisão. Em terceiro lugar, Serhiy Kudelia argumenta que a UE entendeu mal o ‘significado político do aprisionamento de Tymoshenko e das manobras estratégicas de Yanukovich por trás dessa prisão.’ Além de removê-la da política, a detenção de Tymoshenko ‘também buscava demonstrar para um público interno (tanto os membros da coalizão dirigente quanto da oposição) sua capacidade de reprimir a sua crítica mais preeminente e depois aguentar a pressão internacional em favor da libertação dela. A condenação e prisão de Yulia Tymoshenko estabeleceram a credibilidade de Yanukovich como o grande detentor do poder no país e desempenhou um papel crucial na posterior consolidação bem-sucedida do poder econômico e político e também na prevenção de defecções de dentro do regime. Kudelia continua: ‘A libertação de Tymoshenko teria, portanto, imposto custos políticos substanciais a Yanukovich, ao expor sua vulnerabilidade à pressão externa e teria, portanto, minado a superioridade do seu poder. Isso poderia ter ameaçado a coesão da sua coalização governante, teria levantado dúvidas sobre sua relativa força entre seu núcleo de eleitores, e teria admitido ao Ocidente que a pressão na verdade funcionava. A libertação de Tymoshenko também faria com que a balança de poder se inclinasse de modo favorável para o lado da oposição...’¹²

12 Serhiy Kudelia, ‘The failure of the Cox-Kwasniewski mission and its implications for Ukraine,’ *Ponars Eurasia*, 22 Novembro 2013. <http://www.ponarseurasia.org/article/failure-cox-kwasniewski-mission-and-its-implications-Ucrânia>

Em quarto lugar, a UE também insistia em mudar o prazo, com diferentes representantes de estados-membros propondo datas alternativas. O ministro das Relações Exteriores da Polônia, Sikorski, apenas algumas semanas antes de Vilnius, afirmou que prazo final poderia ser estendido até 2014 enquanto o presidente da Polônia declarava que o Acordo de Associação poderia ser assinado em Vilnius e que os “marcadores” seriam implementados no ano seguinte. Todos essa confusão e ambivalência minaram a credibilidade da UE como parceiro de negociações. Em quinto lugar, Yanukovych e seu Governo culpavam a União Europeia por não oferecer uma compensação financeira suficiente para cobrir perdas econômicas causadas pelos bloqueios russos. Implementar as reformas exigidas pelo DCFTA seria muito caro em função da limitada assistência da UE e a Ucrânia só sentiria os benefícios da integração europeia a médio e longo prazos. “As conferências com a UE eram um leilão. Era a posição de um cafetão colocando a Ucrânia à venda,” segundo Petro Poroshenko. ‘O Sr. Yanukovych fazia saber que, se a Europa queria uma Ucrânia moderna e democrática, teria que pagar por isso. O preço seria de US\$160 bilhões até 2017.’¹³ Yanukovych exigiu 20 bilhões de euros ao ano durante quatro anos: esse era seu preço para assinar o Acordo de Associação. A reação da UE reagiu com zombaria, dizendo que o negócio deles era apoiar reformas, não pagar por políticas financeiras e econômicas incompetentes. Finalmente, a UE nunca chegou a usar sua carta mais poderosa, as contas bancárias de funcionários públicos ucranianos em Estados da UE ou em suas zonas offshore. Ironicamente, essas contas só foram bloqueadas depois que Yanukovych e seus aliados fugiram da Ucrânia e foram processados criminalmente, com seus nomes incluídos na lista de “Procurados” internacionais.

CONCLUSÕES

A OTAN e a UE adotaram políticas diferentes em relação à Ucrânia: enquanto a primeira instituição manteve portas abertas e a possibilidade de se tornar membro, a segunda continua sem oferecer o lugar de membro. A Ucrânia esteve perto de entrar em um MAP em 2006, mas fatores domésticos (conflitos

13 ‘Stealing their dream. Viktor Yanukovych is hijacking Ukrainians’ European future,’ *The Economist*, 30 Novembro 2013. <http://www.economist.com/news/europe/21590977-viktor-yanukovych-hijacking-ukrainians-european-future-stealing-their-dream?zid=307&ah=-5e80419d1bc9821ebe173f4f0f060a07>

internos entre as forças democráticas “laranja”) solapou essa opção. Quatro presidentes ucranianos não direcionaram as políticas internas para o seu objetivo declarado oficialmente da integração europeia, com uma grande brecha entre a realidade e a retórica durante o mandato de Yanukovych. Frequentemente, formuladores de políticos e estudiosos ocidentais aceitavam sem senso crítico essa retórica pró-europeia.¹⁴ James Sherr vituperou sobre a distância entre declaração e implementação que “vem sendo, de modo obsceno, provocador e flagrante, enorme desde o outono de 2010.”¹⁵

Durante 2008-2010, a política da OTAN de portas abertas foi fechada pela Alemanha e pelos conflitos internos ucranianos. O preeminente especialista em segurança nacional, Volodymyr Horbulin, disse ao embaixador norte-americano na Ucrânia que havia duas embaixadas russas em Kiev e que em uma delas se falava russo.¹⁶ Diante da agressão russa na Crimeia e no leste da Ucrânia, o apoio à OTAN está crescendo e os líderes da Euromaidan ucranianos pró-Europa certamente voltarão à política de tentar conquistar o lugar de membro que era buscada pelos presidentes Kravchuk, Kuchma e Yushchenko. O Ocidente não deveria ter ficado tão surpreso com o expansionismo territorial de Vladimir Putin em relação à Ucrânia, já que ele havia declarado seus planos em 2008 na cúpula da OTAN.¹⁷

14 Para exemplos, ver Richard Connolly e Nathaniel Copsey, ‘The Great Slump of 2008-9 and Ucrânia’s Integration with the European Union,’ *Journal of Communist Studies and Transition Politics*, vol.27, nos.3-4 (Setembro-Dezembro 2011), p. 541-565. Para análises de como os formuladores de políticas ocidentais e jornalistas chegaram a conclusões equivocadas sobre Yanukovych, ver T. Kuzio, ‘Viktor Yanukovych Two Years on: Why Many Got Him Wrong,’ *Eurasia Daily Monitor*, vol. 9, no. 39 (25 Fevereiro 2012) and ‘First 100 Days of Viktor Yanukovych Explodes Six Myths,’ *Eurasia Daily Monitor*, vol.7, no. 109 (7 Junho 2010). [http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews\[tt_news\]=39058](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews[tt_news]=39058) and [http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews\[tt_news\]=36462](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews[tt_news]=36462)

15 Entrevista com J. Sherr em the *Kyiv Post*, 23 Abril 2012. <http://www.kyivpost.com/content/Ucrânia/james-sherr-Ucrânias-relationship-with-the-eu-is-d-126486.html>

16 ‘Ukrainian-German Relations on the Rocks,’ Embaixada dos EUA em Kiev, 16 Março 2009. <http://wikileaks.org/cable/2009/03/09KYIV465.html>

17 Ver telegram da delegação dos EUA para a OTAN, 14 Agosto de 2008, <http://wikileaks.org/cable/2008/08/08USNATO290.html> e ‘Ukraine-Russia: Is Military Conflict No Longer Unthinkable?’ Embaixada dos EUA em Kiev, 8 Outubro 2009, <http://wikileaks.org/cable/2009/10/09KYIV1740.html>. O discurso de Putin ao Conselho OTAN-Rússia vazou na imprensa e foi publicado como ‘To, shcho zh zkazav Volodymyr Putin u Bukharesti?,’ *Dzerkalo Tyzhnya*, 19 Abril 2008. http://dt.ua/POLITICS/to_scho_zh_skazav_volodymir_putin_u_buharesti-53499.html

A Rússia tinha uma reivindicação territorial antiga em relação à Crimeia e Sebastopol.¹⁸

A Parceria Oriental promulgada pela UE em 2009 ofereceu associação sem uma vaga de membro: em outras palavras, integração e reformas sem o incentivo de passar a fazer parte da União Europeia. A Ucrânia seria a vitrine da Parceria Oriental porque as negociações haviam começado antes do que com outros parceiros e era o maior país do grupo, em termos de território e população. No entanto, no final de novembro de 2013, na véspera da Cúpula da Parceria Oriental em Vilnius, Yanukovych voltou atrás na assinatura do Acordo de Associação, o que provocou os protestos de massa (batizados de Euromaidan) que levariam à sua derrocada quatro meses mais tarde. Os novos líderes do Euromaidan assinaram o Acordo de Associação em março e o DCFTA mais tarde, no mesmo ano de 2014. A Moldávia e a Geórgia também assinaram Acordos de Associação em 2014, enquanto Armênia E Bielorrússia são membros da União Aduaneira da CEI. Já o Azerbaijão tem um sistema político autoritário, o que o torna incompatível com os valores europeus que são pré-condição para o Acordo de Associação.

TARAS KUZIO é Pesquisador Associado no Centro para Política e Estudos Regionais, em Toronto, Instituto Canadense de Estudos Ucranianos, Universidade de Alberta e Fellow Não-residente no Centro para Relações Transatlânticas, Escola de Relações Internacionais Avançadas, John Hopkins University, Washington DC. Ele é um expert em Ucrânia contemporânea e política pós-comunista, nacionalismo e Integração Europeia.

18 Ver T. Kuzio, *The Crimea: Europe's Next Flashpoint?* (Washington DC: The Jamestown Foundation, Novembro 2010). Valentyn Badrak e Volodymyr Horbulin, dois especialistas em segurança ucranianos, detalharam as ameaças russas à Ucrânia em 'Konkvistador u pantsyri zaliznim,' *Dzerkalo Tyzhnya*, 12 Setembro 2009 e Oleksandr Lytvynenko, e 'Velykyy susid vyznachyvsya. Shcho Ukraini robyty dali?' *Dzerkalo Tyzhnya*, 19 Setembro 2009. http://dt.ua/POLITICS/konkvistador_u_pantsyri_zaliznim-57892.html and http://dt.ua/POLITICS/velikiy_susid_vyznachyvsya_scho_ukraini_robiti_dali-57918.html